



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS

BEATRIZ CORTEZ DE CARVALHO

**PERSPECTIVAS DE ENFERMEIROS SOBRE A ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO QUALITATIVO**

LAVRAS-MG

2023

BEATRIZ CORTEZ DE CARVALHO

**PERSPECTIVAS DE ENFERMEIROS SOBRE A ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO QUALITATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Lavras como parte das exigências do Curso
de Graduação em Enfermagem para
obtenção do Título de Enfermeiro.

Orientadora:

Profa. Ma. Ludmila de Oliveira Ruela

Co-orientadora:

Profa. Ma. Rosyan Carvalho de Andrade

LAVRAS- MG

2023

C369p Carvalho, Beatriz Cortez de.
Perspectivas de enfermeiros sobre a assistência às crianças com transtorno do espectro autista: estudo qualitativo / Beatriz Cortez de Carvalho. – Lavras: Unilavras, 2023.

45f.

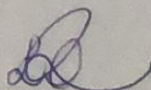
Monografia (Graduação em Enfermagem) – Unilavras, Lavras, 2023.

Orientador: Prof.^a Ludmila de Oliveira Ruela.

1. Transtorno do espectro autista. 2. Enfermagem. 3. Atenção primária à saúde.
I. Ruela, Ludmila de Oliveira. (Orient.). II. Título.

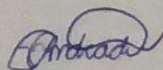
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS-UNILAVRAS

Monografia intitulada "PERSPECTIVAS DE ENFERMEIROS SOBRE A ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ESTUDO QUALITATIVO" de autoria da acadêmica Beatriz Cortez de Carvalho, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes profissionais:



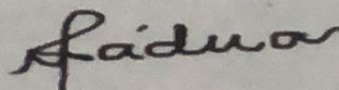
Profa. Ma. Ludmila de Oliveira Ruela

ORIENTADORA



Profa. Ma. Rosyan Carvalho de Andrade

CO-ORIENTADORA



Profª Maª Estefânia Aparecida de Carvalho Pádua

PRESIDENTE DA BANCA

Aprovado em 10 de Novembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos enfermeiros que prontamente participaram deste estudo e contribuíram para a ciência e para a construção do conhecimento na área da enfermagem.

Às professoras Rosyan Carvalho de Andrade e Ludmila de Oliveira Ruela pela orientação deste trabalho, pelas contribuições cercadas de experiência e pela paciência durante esse tempo.

À Prefeitura Municipal de Lavras e à coordenação da Atenção Primária à Saúde do município, por permitirem que os profissionais dedicassem seu tempo à ciência.

Ao Centro Universitário de Lavras (Unilavras) por ser base dos meus aprendizados.

LISTA DE ABREVIATURAS

APA	<i>American Psychological Association</i>
APS	Atenção Primária à Saúde
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREQ	<i>Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research</i>
ESFs	Estratégias de Saúde da Família
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
TEA	Transtorno do Espectro Autista

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno de desenvolvimento, que aparece antes dos dois anos de idade. O diagnóstico dessa condição traz consigo inúmeras mudanças no processo de cuidar dos profissionais da saúde, especialmente daqueles que auxiliam no desenvolvimento do infante, como os enfermeiros que atuam na atenção primária à saúde. **Objetivo:** Identificar as perspectivas e o conhecimento de enfermeiros atuantes na APS sobre a assistência às crianças com TEA e seus familiares/cuidadores. **Método:** Estudo transversal, descritivo, com análise qualitativa dos dados. Os dados foram coletados entre setembro e outubro de 2022. Inicialmente, foi realizada a caracterização dos participantes e em seguida foi realizada uma entrevista, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados e Discussão:** Os participantes foram sete enfermeiros que atuam em Estratégias de Saúde da Família, com idade média de 40,3 anos, atuantes em um município do Sul de Minas Gerais. A partir da análise dos dados, emergiram quatro categorias principais: O conhecimento de enfermeiros sobre o TEA; O papel do enfermeiro frente à criança com autismo e sua família; Necessidade de capacitação sobre o TEA para enfermeiros da APS; e Esforços para melhorar o atendimento à criança com autismo e sua família. **Considerações finais:** Percebeu-se a necessidade urgente do maior envolvimento dos enfermeiros da atenção primária com as crianças com autismo e seus familiares e a necessidade de capacitação, que permitirá uma assistência mais qualificada, integral e segura.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Enfermagem; Criança; Cuidadores; Atenção Primária à Saúde.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVO	10
3 JUSTIFICATIVA	11
4 REVISÃO DA LITERATURA	12
4.1 Transtorno do espectro autista.....	12
4.2 Os cuidados à criança com TEA e seus familiares/cuidadores.....	13
4.3 Enfermagem e o TEA.....	15
5 MÉTODO	17
5.1 Tipo de estudo.....	17
5.2 Local do estudo.....	17
5.3 Participantes do estudo.....	18
5.4 Coleta dos dados.....	18
5.5 Análise dos dados.....	19
6 ASPECTOS ÉTICOS	21
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
7.1 O conhecimento de enfermeiros sobre o TEA.....	22
7.2 O Papel do enfermeiro frente à criança com autismo e sua família.....	24
7.3 Necessidade de capacitação sobre o TEA para enfermeiros da APS.....	26
7.4 Esforços para melhorar o atendimento à criança com autismo e sua família.....	28
8 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	31
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	37
APÊNDICE I - Questionário de caracterização sociocultural.....	37
APÊNDICE II – Questões norteadoras para as entrevistas.....	38
APÊNDICE III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	39
ANEXOS	41
ANEXO I – Carta de Autorização da Pesquisa.....	41
ANEXO II – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	42

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) se refere a um conjunto de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social e na comunicação de um indivíduo, que apresenta uma gama estreita de interesses e atividades realizadas de forma repetitiva, além da dificuldade na transição entre afazeres, foco em detalhes e reações incomuns às sensações (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS), 2023).

Em geral, as manifestações do TEA aparecem na primeira infância e persiste na adolescência e na vida adulta e, embora suas causas não estejam totalmente elucidadas, evidências sugerem a provável existência de diversos fatores que tornam uma criança mais propensa ao autismo, incluindo aspectos ambientais e genéticos (OMS, 2023).

Após o diagnóstico, muitas vezes realizado tardiamente, o indivíduo irá precisar de estímulos e cuidados específicos, sendo os pais, principalmente as mães, os cuidadores, que muitas vezes abandonam sua vida social e laboral para dedicarem-se exclusivamente à criança com TEA (GOMES et al., 2015; SENA et al., 2015).

Diante disso, os familiares ficam sobrecarregados e lidam com rotinas cansativas, tanto pela dificuldade em lidar com a criança, quanto pela necessidade de se dedicar a outros afazeres, como o cuidado com os outros filhos. Com isso, os pais podem apresentar sensações de medo e desespero ao passarem por diversas situações de forma simultânea. Além disso, ao se depararem com essa sobrecarga, eles têm sua saúde diretamente afetada (PORTES; VIEIRA, 2020).

Nesse contexto, ao refletir sobre a assistência necessária à uma criança com TEA e seus familiares/cuidadores, é importante perceber que os profissionais da saúde, especialmente aqueles alocados na Atenção Primária à Saúde (APS), não devem ter o foco apenas na criança, mas também nas pessoas envolvidas nesse cuidado. Todavia, essa temática ainda é pouco discutida e explorada por muitos profissionais da equipe multiprofissional, especialmente os da enfermagem, que demonstram receio durante a assistência, tanto da criança quanto dos familiares (PINTO et al., 2016).

Destaca-se que, apesar dos profissionais da equipe de enfermagem da APS afirmarem já terem tido contato com crianças autistas e seus familiares, são poucos os que reconhecem os sinais relacionados às manifestações no primeiro ano de vida

e que conhecem sobre as terapias que podem ser utilizadas (NUNES; SOUZA; GIUNCO, 2009).

O que tem sido observado é que os profissionais da enfermagem adquirem as informações sobre o autismo em fontes não confiáveis, como telenovelas, ou através da troca de experiências entre trabalhadores da equipe e pela internet, em *websites*, o que mostra falta de capacitação adequada e o pouco interesse por parte de alguns profissionais. Portanto, salienta-se que os próprios enfermeiros não veem como sua a responsabilidade de detecção do transtorno, sendo necessária a educação desses profissionais e mais acesso a informações seguras (NASCIMENTO et al., 2018).

Diante disso, o preparo e o conhecimento da equipe de saúde para lidar com o TEA e com todos os envolvidos nesse cuidado oferece maior tranquilidade e segurança aos cuidadores, que se sentirão amparados (MAIA et al., 2016). Assim, os enfermeiros que atuam na APS e que estão diretamente envolvidos no acompanhamento do desenvolvimento e crescimento infantil, a partir de suas competências, devem ser capazes de assistir, integralmente, a criança com autismo e sua família.

Além disso, pela proximidade desse profissional com a criança/família, é possível a detecção precoce de alterações ou anormalidades que auxiliam na tomada de decisão garantindo uma assistência mais adequada e maior qualidade de vida ao usuário. Para tanto, o conhecimento sobre o TEA é fundamental.

Frente ao exposto, o presente estudo pretende responder a seguinte questão: “Quais as perspectivas e o conhecimento de enfermeiros da APS sobre a assistência às crianças com TEA e seus familiares/cuidadores?”

2 OBJETIVO

Identificar as perspectivas e o conhecimento de enfermeiros atuantes na APS sobre a assistência às crianças com TEA e seus familiares/cuidadores.

3 JUSTIFICATIVA

As crianças com TEA e seus familiares/cuidadores podem ser vistos como um público novo, repleto de singularidade, que demanda cuidados específicos dos serviços de saúde. Atualmente, a alta prevalência dos sintomas de autismo pode ser justificada pela melhor compreensão sobre os sinais apresentados pela criança e pelo aumento do número de diagnósticos (MAPELLI et al., 2018; HOFZMANN, et al., 2019).

Entretanto, mesmo diante da demanda crescente, observa-se uma lacuna de conhecimento a respeito desse tema, especialmente ao considerar o baixo quantitativo de profissionais da saúde especialistas no assunto e de estudos publicados na área (SILVA et al., 2018). Assim, convergindo para esse fato e diante do que já foi exposto, fica notório que os profissionais da enfermagem precisam se aprofundar à luz dessa temática.

Portanto, torna-se primordial identificar, a partir da visão dos próprios enfermeiros, como tem acontecido a assistência de enfermagem às crianças com TEA e seus familiares/cuidadores e o conhecimento desses profissionais a fim de elencar os principais desafios, as perspectivas e as necessidades apontadas diante dessa atuação.

Desse modo, estudos que fazem essa investigação são necessários e urgentes, por permitirem, a partir das demandas apontadas pelos próprios profissionais, a elaboração de estratégias capazes de melhorar a qualidade da assistência e, conseqüentemente, a satisfação, a segurança e o cuidado mais integral aos usuários acometidos pelo TEA e sua rede de apoio.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Transtorno do espectro autista

Historicamente, existe certa confusão sobre o que é o autismo e em como ele se difere de outros transtornos não autistas, especialmente pelas mudanças em sua definição ao longo dos anos. Atualmente, organizações profissionais utilizam descrições levemente diferentes para definir o autismo, o que pode dificultar a compreensão do transtorno (WHITMAN, 2015).

Investigações apontam que a primeira citação do autismo ocorreu no ano de 1911, por Eugen Bleuler, um psiquiatra suíço que tentava discorrer acerca da esquizofrenia. Entretanto, o termo tomou grandes proporções em 1943, por meio do psiquiatra Leo Kanner, que timidamente abordava características do autismo em seus estudos (SANTOS e VIEIRA, 2017).

Segundo a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, da *American Psychiatric Association* (APA) (1994), o autismo compreende um transtorno no qual as pessoas manifestam características como o prejuízo da interação social, problemas de comunicação, interesses e atividades repetitivas, limitadas e estereotipadas, e para que uma pessoa seja considerada autista, ela deve manifestar um conjunto desses sintomas antes dos três anos de idade (WHITMAN, 2015; APA, 1994).

Diante disso, a denominação “Transtorno do Espectro do Autismo” tem sido empregada para reconhecer a grande diferença que existe entre pessoas com autismo. Esses indivíduos podem apresentar a maioria ou todos os sintomas descritos, ou o mínimo dos sintomas exigidos, com níveis extremamente variáveis de funcionalidade. Além disso, o argumento para o autismo estar em um espectro ou ser um transtorno de espectro fundamenta-se na similaridade dos sintomas de indivíduos com o diagnóstico (WHITMAN, 2015).

De acordo com a APA (2013), além dos sintomas relacionados, principalmente a interação e comunicação, o TEA também se caracteriza como um distúrbio do neurodesenvolvimento que interfere diretamente nas áreas motora e psiconeurológica do indivíduo (PINTO et al., 2016). Além disso, indivíduos com TEA frequentemente

apresentam outras condições concomitantes, incluindo epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) (OMS, 2023).

Apesar de sua etiologia ainda não ser totalmente conhecida, alguns fatores são apontados como uma possível relação com o desenvolvimento do TEA, como: a idade avançada dos pais, a exposição do feto ao ácido valpróico e o baixo peso ao nascer (HOFZMANN et al., 2019). Entretanto, vale ressaltar que não há evidências da associação causal entre a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola, e outras vacinas da infância, e o autismo, como já foi sugerido no passado (OMS, 2023).

Por sua complexidade, o TEA envolve uma rede de cuidados integrados devido à ampla gama de intervenções necessárias após o diagnóstico. Com isso, observa-se que os pais e familiares de uma criança com autismo, em geral, são os mais afetados por experimentarem emoções negativas, como o sentimento de luto e sofrimento, a partir da descoberta do transtorno. Além disso, a sociedade também apresenta dificuldade em compreender o TEA e, muitas vezes, pela falta de conhecimento, lançam pré-julgamentos a respeito do transtorno (NOBRE; SOUZA, 2018).

Atualmente, segundo Santos e Vieira (2017), em decorrência do conhecimento ainda incipiente sobre o TEA, a sociedade enxerga os comportamentos da criança com autismo como “mimar” em excesso, falta de limites dos pais/cuidadores ou mesmo que a criança é “doida”, não sendo capaz de compreender como o distúrbio afeta e compromete o desenvolvimento neurológico.

Nesse contexto, nota-se que o TEA é um assunto que necessita ser mais explorado para que haja maior compreensão a seu respeito, a fim de sanar as dúvidas, diminuir os anseios, preconceitos e as interpretações errôneas sobre o transtorno.

4.2 Os cuidados à criança com TEA e seus familiares/cuidadores

Após o diagnóstico de TEA, diversas ações são propostas a fim de melhorar o desenvolvimento, a saúde e a qualidade de vida da criança acometida. O acesso oportuno às intervenções psicossociais pode melhorar a capacidade das crianças com autismo de se comunicar e interagir socialmente. Uma vez diagnosticado o TEA, é essencial que todos os envolvidos, tanto a criança quanto seus familiares/cuidadores recebam as orientações necessárias e sejam informados sobre os serviços,

encaminhamentos e apoio prático, de acordo com a individualidade de cada caso (OMS, 2023).

Ao compreender todo o espectro que envolve uma criança com TEA, entende-se que o cuidado à essa população deve ser integrado, abrangendo ações que incluem a promoção e a reabilitação da saúde e a colaboração entre diferentes setores, como saúde, educação, assistência social, entre outros (OMS, 2023).

As crianças com autismo podem apresentar dificuldades na realização de atividades rotineiras, como higiene e alimentação e ter outras condições associadas que aumentam as dificuldades na realização das tarefas comuns ao desenvolvimento infantil, demonstrando sua dependência de cuidadores, principalmente da família (SILVA et al., 2018).

Na maior parte dos casos, as pessoas envolvidas nesse cuidado são as mães (GOMES et al., 2015), que veem toda sua rotina de vida ser alterada em decorrência da condição de um filho, visto que o cotidiano dessas crianças inclui terapia ocupacional, fonoaudiologia, sessões de psicoterapia, academias de estímulos neuronais e sociais, visitas regulares a médicos, dentre outros. Toda essa demanda é um desafio à família, que irá precisar de serviços especializados e de profissionais de saúde competentes para atendê-los (MAPELLI et al., 2018).

De acordo com Nobre e Souza (2018), ser os pais de uma criança com TEA pode ter suas dificuldades e alguns fatores influenciam no momento do cuidado, como as características individuais, a rede de apoio social, a qualidade de acesso aos serviços de saúde, o padrão de comunicação e o funcionamento familiar. Desse modo, o profissional da saúde que presta assistência à essa criança/família deve se atentar para a integralidade, o acolhimento e a resolutividade, para que a rede familiar da criança se sinta amparada diante de suas necessidades (MAIA et al., 2016).

No Brasil, no ano de 2012, foi aprovada a Lei nº 12.764, conhecida como Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e visa a proteção dos direitos da pessoa com TEA. Esse marco representa um grande avanço ao garantir o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às necessidades de saúde do autista além do acesso à educação, moradia, trabalho, entre outros benefícios (BRASIL, 2012). Outro avanço importante ocorreu em 2013, quando o Ministério da Saúde divulgou a Diretriz de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA, com meio de orientar a rede parental e profissionais da saúde, no intuito de auxiliar na

orientação/diagnóstico precoce do autismo em crianças menores de trinta e seis meses (BRASIL, 2013 apud GOMES, 2014).

Além disso, na Caderneta da Criança há uma seção que explana acerca do Autismo ou TEA. Porém, é percebido que são raros os preenchimentos para os sinais e sintomas da síndrome, denotando acompanhamento insuficiente e incompleto (BRASIL, 2016). Destaca-se ainda, que os serviços de APS, onde essa caderneta é muito utilizada, não têm demonstrado participação efetiva no atendimento e acompanhamento da criança com TEA, gerando preocupação e insatisfação da família (HOFZMANN, et al., 2019).

Assim, observa-se que existem melhorias com relação aos direitos dos autistas e seus familiares, principalmente no que tange ao acesso aos serviços de saúde. Contudo, sabemos que o que é oferecido por esses serviços nem sempre garante esses direitos e os profissionais da saúde podem ser considerados como fundamentais nesse contexto, especialmente os enfermeiros, que nos serviços de APS estabelecem vínculo com os usuários e se apropriam das necessidades da população.

4.3 Enfermagem e o TEA

Dados recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS) (2023) apontam que uma em cada 100 crianças tem autismo e sua ocorrência é maior em pessoas do sexo masculino. Com isso, diante das estatísticas, os profissionais da saúde devem estar preparados para prestar a assistência adequada à essa parcela da população.

Nesse contexto, os enfermeiros são profissionais capacitados para uma atenção qualificada à saúde, contudo, diante do TEA, esses profissionais mostram dificuldades nessa assistência, especialmente em relação ao conhecimento sobre o transtorno. Verifica-se a falta de capacitações para esses profissionais e a ausência de protocolos de atendimento disponíveis na rede para nortear a assistência, embora a necessidade de atendimento mais específico para essas crianças/famílias seja reconhecida (NASCIMENTO et al., 2018).

Com isso, nas Estratégias de Saúde da Família (ESFs), o enfermeiro está sujeito a esse atendimento durante sua jornada de trabalho e o conhecimento é

fundamental para a detecção precoce do autismo e assistir adequadamente a criança (NASCIMENTO et al., 2018). Entretanto, ainda é notória a falha em reconhecer a presença de crianças que tenham o espectro na área de abrangência das ESFs (SENA et al., 2015). Um estudo realizado por Hofzmann e colaboradores (2019) identificou que os familiares de crianças com autismo relataram que não existe atuação do enfermeiro em qualquer momento do processo da doença, seja antes ou após o diagnóstico.

Para esses profissionais, a segurança para o diagnóstico correto de TEA ainda está aquém da desejada pelo fato de o conhecimento ser insuficiente e os sinais serem muito diversos entre os indivíduos. Todavia, mesmo diante da insegurança, há o sentimento de querer aprender para poder ajudar, haja visto que o sentimento de ajudar o próximo é marcante nos profissionais de saúde, principalmente os da enfermagem (NASCIMENTO et al., 2018).

Em um estudo elaborado por Semensato e Bosa (2013), as autoras esclarecem a importância da união entre rede familiar e os profissionais da saúde para a adaptação da criança com autismo na sociedade, além da educação. Essa relação, firmada com diálogo efetivo, permite o desenvolvimento dessa clientela, especialmente nas áreas educacional e social (SANTOS; VIEIRA, 2017). Portanto, a participação do enfermeiro na assistência se faz com o olhar cuidadoso e criterioso, que deve ser sem julgamentos, enxergando o outro, ler nas entrelinhas e cuidar, reforçando a essência humana de viver (SENA et al., 2015).

5 MÉTODO

5.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, qualitativo, que adotou a análise do conteúdo como referencial metodológico e buscou seguir as recomendações do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ)* - versão em português falado no Brasil, para relatar a escrita deste estudo (SOUZA et al., 2021).

Os estudos transversais apresentam um retrato de como as variáveis investigadas estão relacionadas em um determinado momento, ou seja, com a mensuração uma única vez das variáveis, sem que seja feito um período de acompanhamento e, por não haver acompanhamento, as perdas no estudo são evitadas (HULLEY et al., 2003). Esse é um modelo de estudo utilizado para realizar o levantamento de dados e determinar a incidência e prevalência das variáveis e possíveis associações em populações bem definidas (CRUZ, 2011).

Além disso, analisar qualitativamente os dados é adequado quando se deseja abordar questões relacionadas às singularidades próprias do campo e dos sujeitos de uma pesquisa (MUYLAER et al. 2014). Assim, a análise de conteúdo é um método consagrado, que tem sido vastamente utilizado em estudos na área da enfermagem ao longo da história e busca analisar mensagens de comunicação escrita, verbal ou visual, sendo um meio sistemático e objetivo de descrever e quantificar os fenômenos (ELO e KYNGÄS, 2008), além de ter a função principal de compreender o crítico (SANTOS, 2012).

5.2 Local do estudo

O estudo foi realizado nas ESFs de um município localizado no Sul de Minas Gerais, Brasil. O referido município conta com 17 equipes de ESFs que realizam atendimentos primários à população adscrita e desenvolvem atividades de prevenção, promoção e recuperação da saúde, além de encaminhar os indivíduos aos níveis

superiores, de acordo com a necessidade do paciente (GOVERNO DE LAVRAS, 2020; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ), 2014).

5.3 Participantes do estudo

Participaram do estudo enfermeiros atuantes na APS do município, selecionados por conveniência, independente do vínculo empregatício no momento da coleta. Os critérios de exclusão foram enfermeiros que estavam de férias ou em afastamento no período do estudo, contudo, nenhum profissional se encontrava nessas condições. Portanto, inicialmente, todos os 17 enfermeiros das ESFs foram convidados a participar do estudo, dos quais dois não responderam às tentativas de contato e oito recusaram participar, alegando falta de tempo ou de interesse no assunto. Assim, sete enfermeiros aceitaram participar e compuseram a amostra desta pesquisa.

5.4 Coleta dos dados

Os dados foram coletados no período de setembro a outubro de 2022. Primeiramente, foi realizada a tentativa de contato via telefone, por meio de ligação ou mensagem de *WhatsApp*®, para o convite de participação no estudo. Foram realizadas até três tentativas de contato para cada profissional, com intervalo de 10 dias entre elas. Para aqueles que aceitaram participar, foram realizadas entrevistas individuais, agendadas de acordo com a disponibilidade do participante. Estas, foram norteadas por um roteiro com oito questões elaboradas pelas pesquisadoras (APÊNDICE I), a saber: (1) Você sabe o que significa Transtorno do Espectro Autista (TEA)?; (2) Quais as suas maiores dúvidas em relação a essa temática?; (3) Quando alguém fala de crianças com autismo, o que você pensa?; (4) Como são realizados os atendimentos a essas crianças na sua unidade?; (5) Você já atendeu alguma criança com TEA? Como foi sua experiência?; (6) Você já teve alguma dificuldade com a rede familiar desse indivíduo? Como foi essa experiência?; (7) Vocês oferecem

algum cuidado especial para os familiares dessas crianças?; (8) O que você acha que poderia ser feito para garantir a essas crianças e seus familiares um atendimento com mais qualidade e segurança na atenção básica à saúde?.

As entrevistas foram realizadas por uma discente do curso de enfermagem, treinada anteriormente para a coleta. Todas as entrevistas aconteceram uma única vez, em local privativo, na casa ou no local de trabalho do enfermeiro, de acordo com a preferência do participante. Durante a entrevista, apenas a entrevistadora e o participante estavam presentes, e o tempo médio de realização de cada entrevista foi de 21 minutos. As falas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra, de forma manual, pela pesquisadora que realizou a coleta, para posterior realização das análises. Ao todo, foram geradas sete páginas de transcrições das falas dos participantes. Os enfermeiros participantes deste estudo não tinham contato anterior com a pesquisadora que realizou a coleta dos dados.

5.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo, que consiste em um conjunto de técnicas usadas para analisar dados qualitativos, através de procedimentos objetivos e sistemáticos (CAMPOS, 2004). É uma parte crucial no momento da pesquisa, pois desvela-se os significados dos dados apreendidos e possui foco na comunicação. Além disso, objetiva manipular os códigos para confirmar indicadores que não foram explanados diretamente e obter uma descrição ampla de um fenômeno, de modo que os resultados da análise expliquem o que seja o objeto de estudo (fenômeno), através de conceitos ou categorias (ELO e KYNGÄS, 2008).

Esse método de análise compõe-se de três fases: preparação, organização e relato de resultados (ELO et al, 2014). Na fase de preparação, após a construção e reorganização das narrativas, são realizadas leituras do material transcrito a fim de compreender os dados como um todo e identificar unidades de significados, que são palavras, frases ou parágrafos que apresentem relação com a temática estudada e o contexto em que foi pesquisada, sempre fundamentados pelo objetivo do estudo (ALVARENGA et al, 2015; ELO e KYNGÄS, 2008).

Diante disso, considerando essa primeira fase, neste estudo foi realizada a leitura e releitura do material transcrito, explorando as expressões e palavras significativas, além de ser realizada a interpretação das falas, a compreensão e a análise do conteúdo contido nas transcrições.

A segunda fase consiste na organização dos dados coletados e passa pelas etapas de codificação, categorização e abstração. Na codificação, à medida que o material transcrito é lido, vão sendo anotados todos os temas e informações relevantes encontrados, que descrevam os aspectos do conteúdo analisado. Após essa codificação, as listas de categorias são agrupadas conforme a similaridade dos temas abordados. Essa categorização é realizada para que se possa descrever o fenômeno em estudo e ampliar a compreensão e o conhecimento do mesmo. Neste momento, o pesquisador tem a função de decidir, através da interpretação, quais conteúdos deverão pertencer às mesmas categorias. Na abstração dos dados, o pesquisador irá formular uma descrição geral de cada tópico de pesquisa por meio das categorias. Cada categoria será nomeada conforme as características que apresenta (ALVARENGA et al, 2015; ELO e KYNGÄS, 2008; ELO et al, 2014).

Atendendo à segunda fase, foi realizada a codificação dos dados que permitiu a emergência das categorias de discussão. Em seguida, realizou-se a terceira fase, na qual foram realizados os relatos detalhados do processo de análise dos dados e os resultados obtidos a partir desta análise (ALVARENGA et al, 2015; ELO e KYNGÄS, 2008; ELO et al, 2014).

6 ASPECTOS ÉTICOS

Os participantes que aceitaram participar do estudo, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias (APÊNDICE II). Este estudo foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Lavras sob protocolo CAAE: 59438722.3.0000.5116 (ANEXO II) e respeitou todos os preceitos éticos.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo sete enfermeiros do sexo feminino (100%), com média de idade de 40,3 anos, sendo a maioria casada (57,1%) e católica (85,7%). As participantes tinham em média 10 anos de atuação na APS e apenas uma das entrevistadas afirmou ter realizado alguma pós-graduação na área da saúde.

A partir da análise das falas, emergiram quatro categorias temáticas: (1) O conhecimento de enfermeiros sobre o TEA; (2) O Papel do enfermeiro frente à criança com autismo e sua família; (3) Necessidade de capacitação sobre o TEA para enfermeiros da APS; e (4) Esforços para melhorar o atendimento à criança com autismo e sua família.

Para garantir o anonimato das participantes, elas foram identificadas com o nome de flores, a saber: Jasmim, Orquídea, Margarida, Rosa, Girassol, Violeta e Flor de Cerejeira.

7.1 O conhecimento de enfermeiros sobre o TEA

Sabe-se que o enfermeiro é um dos profissionais que possui o maior contato com a população nas unidades de APS. Logo, é um membro da equipe multidisciplinar capaz de reconhecer alterações naqueles que buscam por esses serviços. Visto isso, conhecer acerca do TEA é imprescindível para o diagnóstico e início das intervenções de maneira precoce afim de minimizar os prejuízos para o indivíduo ao longo de sua vida (RUTTER, 2011; APA, 2014).

Com isso, ressalta-se que o enfermeiro está presente na avaliação inicial dos usuários, por meio da consulta de enfermagem e da puericultura, que permite o reconhecimento de manifestações clínicas de uma criança com autismo. Assim, quando as participantes foram questionadas sobre o conceito do TEA, observou-se que houve dificuldade para estabelecer essa definição, como verificado nas falas a seguir:

“O autismo é uma doença, é um transtorno, é um distúrbio, eu acho que é um transtorno. O dia que eu atendi, até falei para ela (mãe) já vê aí por que ele é especial, ele tem autismo, mas assim, ele estava supertranquilo. Então assim, eu acho que às vezes é falta de conhecimento, não sei.” (Jasmim)

“[...] aquelas crianças que têm algum déficit né, cognitivo-comportamental, que dá sim para identificar. Eu não sei explicar ao certo o termo específico, mas a gente consegue identificar alguma alteração comportamental dessas crianças né? Hoje em dia a gente já está vendo diagnosticar adulto.” (Girassol)

“[...] é um transtorno cognitivo né? (De) desenvolvimento, socialização [...]” (Violeta)

É importante destacar que a atuação do enfermeiro frente à criança com autismo e sua família, é uma ação fundamental nos serviços de APS, visto que esse profissional tem um papel socializador, de aceitação e compreensão da criança, bem como no estabelecimento de limites, orientação e apoio à família (CARNIEL, 2014). Contudo, nesse cenário, para que a assistência de enfermagem seja resolutiva, conhecer sobre o transtorno é essencial, uma vez que esse é o alicerce para a tomada de decisão na enfermagem.

Além disso, atrelado à uma definição não totalmente elucidada, outro aspecto que chamou atenção nas falas de algumas participantes, é o fato de que as manifestações clínicas apresentadas pela criança também não são totalmente conhecidas, como verificado a seguir:

“Tem aquela crise [...] não é constante [...] às vezes ela (criança) tem [...] não consegue concentrar [...] não consegue ficar em lugares onde tem muita gente [...] não consegue interagir com outras crianças. Criança agitada, difícil de vacinar. Penso que criança autista é assim.” (Jasmim)

“[...] o autismo pode ser diagnosticado após os quatro anos de idade, mas tem aquela questão né, das manias, comportamento, que acabam sendo diagnosticadas antes dos dois (anos).” (Girassol)

“[...] possui, tipo assim, característica física do paciente. A partir de 12 meses começa a perceber, perceber alguma alteração na criança né? Aquelas alterações, às vezes fica quieto, tem algumas coisas que eu não lembro [...] a criança não para, não sossega, ele não para com um brinquedo só, ele é disperso. Não olha no nosso olho e não fica sossegado né?” (Orquídea)

“Ela (criança) tem dificuldade de concentração, ela é uma criança que não vai ter uma socialização, já fica retraída no cantinho dela, é uma criança mais quietinha né ou, às vezes, uma hiperatividade.” (Margarida)

“[...] ela (criança) tem assim, determinada mania de alguma coisa, muitos gestos, conversa normal, são meio infantilizados, seletivos [...] não tem cura. Tem mania de organização [...] agressivos, diferença no grau [...] tem audição seletiva.” (Flor de Cerejeira)

Embora seja necessário aprofundar os conhecimentos sobre o autismo, as manifestações clínicas “clássicas” do TEA já se apresentam bem estabelecidas. Elas se apresentam como: ecolalia, falta de comunicação visual, movimentos repetitivos,

dificuldade de interação grupal, indiferença afetiva, isolamento social, dificuldade no desenvolvimento da linguagem, agitação e agressividade (APA, 2014).

Diante do exposto, ressalta-se que a falta de conhecimento pode gerar insegurança profissional e, conseqüentemente, impactar diretamente no atendimento à criança com autismo, como identificado nas falas a seguir:

“...tem pouco tempo desse tema [...] sempre tenho dúvida [...] sou leiga, não sei abordar um autista...fico com receio [...] sempre chamo a psicóloga pra ficar perto de mim.” (Rosa)

“Ela (criança) já fica agitada, a gente fica com medo do comportamento dela.” (Margarida)

“[...] a gente escuta muito dos profissionais e professores [...] tem muita medicação, não sei, é tudo autismo mesmo?” (Flor de Cerejeira)

Tais falas condizem com os achados do estudo realizado por Pinto e colaboradores (2016), que verificaram que os profissionais têm receio durante o atendimento ao autista por se tratar de um assunto incipiente, ainda pouco explorado e com características bastante particulares. Todavia, entende-se que a busca pelo conhecimento e a atualização profissional devam ser constantes e dinâmicas, a fim de suprir as necessidades das demandas dos usuários.

7.2 O Papel do enfermeiro frente à criança com autismo e sua família

Um aspecto evidenciado nas falas dos participantes deste estudo, é a pouca habilidade do enfermeiro em assumir seu papel diante do atendimento à criança com autismo. De acordo com Nascimento e colaboradores (2018), esse profissional não reconhece como sua a responsabilidade da detecção do transtorno, e, como reflexo, observa-se a pouca habilidade frente às crianças com o espectro nas áreas de abrangência da APS, conforme verificado nas falas a seguir:

“Encaminha para nutricionista, psicólogo, fono [...] na recepção, para fazer pré-consulta, a gente tem que saber assim, chama pelo nome, tenta fazer o peso, altura, quando a criança deixa, quando aceita [...] não gosta que ponha a mão nela também [...] um atendimento mais rápido que puder. Aí deixa ele esperando o mínimo possível” (Orquídea).

“Minha experiência é zero [...] não tenho convívio, nunca tive, não conheço um autista mesmo para convivência [...] o enfermeiro na consulta de puericultura não leva muito em consideração, ele vai direto fazer só o gráfico de peso e altura e não vai avaliar essa parte dos marcos do autismo na

Caderneta da Criança. Se a gente não sabe, a gente deixa tudo pro médico [...] porque eu não tenho tantas famílias com autistas.” (Rosa)

Com essas falas, percebe-se o distanciamento do enfermeiro com a criança e a família, em momentos primordiais, a partir de um trabalho mecânico, com pouco ou nenhum foco na detecção do transtorno e na assistência. Entretanto, como um paradoxo, a proximidade desse profissional com a criança e sua família é o que faz com que ele consiga detectar precocemente as alterações apresentadas pela criança, facilitando a tomada de decisão e garantindo uma assistência mais adequada, além de possibilitar maior qualidade de vida ao indivíduo e seus familiares (NASCIMENTO et al., 2018).

Diante disso, volta-se a afirmar que a capacitação com vistas a reconhecer essas particularidades do transtorno e identificar as manifestações clínicas o quanto antes é imprescindível. Contudo, o que se tem observado é que muitas vezes o conhecimento do enfermeiro sobre o assunto é adquirido por meio de telenovelas, internet ou troca de experiência com outros profissionais (NASCIMENTO et al., 2018), deixando a prática baseada em evidências aquém do esperado.

Assim, como o enfermeiro ainda não se apossou da importância de sua assistência diante da criança e sua família, esse profissional reduz sua atuação e suas ações, gerando pouco impacto na assistência, como, por exemplo, considerar o fato de realizar um atendimento preferencial como a parte mais importante da assistência, como é possível perceber nas próximas falas:

“Ele é bem assim, distraído, e para gente atender uma criança, tem que se dar preferência para ele, porque ele não consegue ficar esperando por muito tempo né? Não sei, mas vai por aí [...] quando alguém fala de criança autista, você pensa nisso, uma criança que é mais bagunceira, mais agitada [...] que a gente tem que ter um olhar mais especial para ele né? Assim, dar preferência. [...] eu tenho dois pacientes aqui no PSF [...] tento colocar primeiro né, porque eles não conseguem ficar por muito tempo esperando. Cada um tem o seu grau [...] mas isso depende muito de cada um.” (Orquídea)

“A gente, enquanto enfermeiro, consegue ver esses sinais numa consulta de Puericultura. É mais fácil [...] ele não precisa de pegar senha para a consulta, você chega ali, aguarda o atendimento, então é muito mais o contato, mais próximo do que com o médico, a gente tem um vínculo maior.” (Margarida)

“Coloco ela (criança) na prioridade de atendimento lá no PSF, ele tem o direito. Dependendo da situação da criança né, do nível dela ali, dá problema, a gente tem que passar na frente para evitar problemas, muita bagunça no PSF. As crianças ficam tudo “ouriçada” né? Mas eu não pego nenhuma situação, já peguei em outros setores, a gente trata com carinho, a gente tem atenção, tem cuidado, mas não aquele preconceito [...] a gente tenta

conversar, mais tranquilo possível para não estressar tanto a criança.” (Girassol)

“Priorizar esse atendimento é agilizar né, e acolher os pais [...] de uma forma geral, o todo da Criança.” (Violeta)

Nesse contexto, fica explícito que os enfermeiros apresentam dificuldades em relação ao TEA, seja de conhecimento, de se sentir essencial ao atendimento ou da falta de habilidades em lidar com essa criança, bem como com a família. Portanto, no geral, é notória a falta de preparo, que irá interferir diretamente na assistência.

Diante disso, é importante que a enfermagem se atualize para atuar de modo mais resolutivo e reconheça seu papel nesse contexto. Acrescenta-se a isso, que o enfermeiro é o primeiro contato com o infante e sua família, e está sempre presente na instituição de saúde, o que o torna referência na busca pelo atendimento, aumentando ainda mais sua responsabilidade (COFEN, 2021).

7.3 Necessidade de capacitação sobre o TEA para enfermeiros da APS

De acordo com Silva e colaboradores (2018), existe um baixo número de profissionais especializados na área do TEA e poucos estudos têm sido publicados a esse respeito, embora a capacitação seja cada vez mais necessária, principalmente, ao considerar a alta prevalência dos sintomas de autismo nos últimos anos, que pode ser justificada pela melhor compreensão sobre alguns sinais observados na criança (MAPELLI et al., 2018; HOFZMANN, et al., 2019).

Diante desse cenário, observou-se que os participantes do estudo consideram urgente e relevante a capacitação sobre o TEA a fim de qualificar a assistência, conforme apresentado:

“Eu acho que teria que fazer, às vezes, uma capacitação [...] eu acho que a gente, na área da saúde, precisa sim renovar, porque eu acho que às vezes tem um pouco de insegurança em falar do assunto, porque não é um tema abordado e nem na faculdade é abordado né? [...] acho que a gente teria que dar uma revisada.” (Jasmim)

“não ter preparação de não saber a fundo como deve ser uma abordagem autista, direcionada para eles [...] eu acho que falta mais capacitação né? Eu acho que tem uma falha. Para o futuro seria mais interessante se tivesse cursos, palestras [...]” (Rosa)

“Eu acho que deveria ter uma capacitação para todo mundo, experiência com autismo [...] não só para enfermagem, mas para toda a equipe.” (Girassol)

Frente ao exposto, parece faltar oportunidade e incentivos para que o assunto seja aprofundado. É válido ressaltar que esse conhecimento raramente é repassado durante a formação dos enfermeiros e os cursos de graduação pouco exploram o TEA. Logo, isso pode interferir na prática profissional, uma vez que a formação na área se mostra defasada, e com isso, surge uma lacuna do conhecimento. Além disso, os serviços de saúde também têm seu papel na formação continuada dos profissionais, sendo fundamental incentivar a atualização dos profissionais, já que existem muitas dúvidas e uma curva ascendente na demanda (DARTORA, 2014).

Com a necessidade de capacitação, fica perceptível, a partir das falas dos participantes, que essa lacuna interfere diretamente na assistência:

“está aparecendo muita criança com autismo, será que realmente é autismo? Muita medicação, parece que tudo centralizou só no autismo, será que é? Será que, não é? Está suspeito que está super diagnosticado o autismo. Eu acho que sim, não posso ter tanta certeza, mas a gente ouve comentários né, de escolas e professores falando que tá aumentando o número e diagnósticos [...] e a gente não sabe se realmente é isso. Muito Suspeito.” (Girassol)

“eu fui fazer o atendimento e na primeira tentativa não consegui fazer atendimento da criança. [...] algum tempo atrás, nós tivemos uma palestra sobre o autismo [...] mas os primeiros que descobrem são os pais e a gente precisa tentar descobrir como que aquela criança gosta de ser tratada. Então, assim todas as três (crianças) que vem aqui, quando vem, assim com os pais é uma boa interação [...] a gente consegue né, ajudá-los da melhor forma possível mas graças a Deus [...] eles levam muitas dúvidas assim para unidade. Eu que pergunto mais que eles. [...] pra atender é tudo improvisado”. (Violeta)

Destaca-se que uma equipe de saúde preparada oferece segurança à família e a faz se sentir amparada. No entanto, embora a falta de qualificação seja observada, no Brasil existem ações desenvolvidas para difundir o conhecimento e aprimorar as ações envolvendo a criança com TEA e seus familiares (MAIA et al., 2016).

O Ministério da Saúde (MS), em 2013, divulgou a Diretriz de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA, objetivando orientar a rede parental e os profissionais da saúde com relação ao diagnóstico precoce do autismo em clientes menores de três anos (BRASIL, 2014). Outra ação importante inclui a Caderneta da Criança, na qual há uma seção sobre o Autismo ou TEA. Porém, são raros os preenchimentos para os sinais e sintomas do transtorno, denotando acompanhamento insuficiente e incompleto (BRASIL, 2016).

Além disso, o MS propõe uma Política Nacional de Educação Permanente (PNEPS) como um método que contemple a formação dos profissionais do SUS

buscando a integração entre ensino, comunidade e serviços, a fim de desenvolver projetos qualificados que abranjam as dificuldades do sistema e assim transformem e qualifiquem os serviços de atenção à saúde pública de acordo com cada realidade (BRASIL, 2017). Essa política vem ao encontro da necessidade de educação em saúde dos profissionais, principalmente os que atendem diretamente os infantes com TEA.

Considerando que não há cura para o TEA, a equipe de saúde deve ter como objetivo uma assistência integral para oferecer melhor qualidade de vida e suporte para criança e sua família. Diante disso, entende-se que o enfermeiro precisa acolher de forma afetiva e profissional todos aqueles que estão envolvidos nessa assistência (MESQUITA et al., 2017).

Portanto, ressalta-se a importância do conhecimento, baseado em evidências, para que seja possível prestar uma assistência com maior segurança e competência, podendo então, oferecer uma assistência diante de uma criança com o transtorno, de modo apropriado, a fim de atender todas as necessidades daquele que precisa (DARTORA, 2014).

7.4 Esforços para melhorar o atendimento à criança com autismo e sua família

Mesmo diante das dificuldades e dos desafios enfrentados pelos participantes deste estudo para a assistência da criança com TEA e seus familiares, avalia-se que eles se sensibilizam frente a esse atendimento e compreendem que são necessários esforços para melhorar a assistência, identificando ações estratégicas que podem ser realizadas, como atividades em grupos de indivíduos que compartilham das mesmas vivências e melhor adequação do ambiente, tornando este mais seguro e acolhedor:

"[...] grupos específicos, acolhimento [...] melhor seria através de grupo, porque no grupo você consegue falar para o outro, consegue ver a situação do outro, informações, trocar o aprendizado." (Jasmim)

"precisa de segurança [...] na entrada, um corrimão. [...] na recepção, ter uma mesinha, com os brinquedinhos, coisa simples [...] do tamanho deles, cadeirinha, folha, quebra-cabeças, canetinha, giz [...] uma sala colorida igual na UPA". (Orquídea)

"[...] bem devagarzinho a gente tá tentando acompanhar, procurar saber, acho que é uma novidade [...] a nossa preocupação é estar mesmo sabendo mais a respeito para poder lidar com a situação né ajustando todos os aspectos, atendimento dessa patologia." (Violeta)

Diante das falas, ressalta-se que as rodas de conversa, usadas na área da saúde, trazem grandes benefícios para a família e os profissionais, pois permitem que os familiares expressem seus sentimentos e compartilhem suas vivências com a criança. Desse modo, o enfermeiro pode realizar essas rodas como estratégias de educação em saúde, para proporcionar a qualidade do cuidado, levando informações e orientações a respeito dos tratamentos e do acesso aos demais serviços de saúde (DIAS et al., 2018; SAMPAIO et al., 2014).

Além disso, é importante destacar que oferecer um acolhimento apropriado aos familiares, especialmente aos pais que tiveram um filho com diagnóstico de TEA é necessário, pois isso facilita a aceitação e o enfrentamento deste processo. Neste período, é comum a vivência do luto, o sentimento de vergonha e culpa, bem como ter a autoestima afetada, criando dúvidas com relação à sua capacidade de agir e de produzir algo bom, comprometendo a formação do vínculo. Portanto, existe um processo de adaptação, que oscila entre aceitação e rejeição, até que eles se sintam seguros para lidar com a criança, sendo o acolhimento uma ferramenta de cuidado fundamental para o enfermeiro diante dessa assistência (MAIA et al., 2016; SÁ; RABINOVICH, 2006).

Além disso, em comparação com outros profissionais da saúde, o enfermeiro mostra ter um importante papel no favorecimento do ambiente de trabalho (MESQUITA, et al., 2019) e, com isso, destaca-se o que é determinado pelo COFEN (2021):

“Como parte da equipe multiprofissional, o enfermeiro atua também como agente terapêutico, intervém no sofrimento dos pacientes com diagnóstico de TEA, realiza atendimentos aos familiares, trabalha com a aceitação do diagnóstico, que traz uma mudança do estilo de vida da família e de todo o ambiente familiar” (COFEN, 2021).

Portanto, observa-se que o enfermeiro tem sua função no atendimento ao autista e muitas vezes se esforça para oferecer uma assistência mais qualificada. Contudo, o que se verifica é que existe uma sobrecarga de trabalho desse profissional que interfere diretamente em sua assistência, como visto a frente:

“a gente fica muito preso em papelada, receita médica [...] precisava de trabalhar com promoção e prevenção, e não tratar doença”. (Rosa)

Diante disso, pensando na integralidade da assistência, o enfermeiro deve buscar sua equipe para trabalhar em conjunto, a fim de reduzir sua carga de trabalho, que muitas vezes, pode ser delegada entre os outros profissionais. Nesse sentido, trabalhar em equipe permite estruturar, organizar e aproveitar as habilidades humanas, viabilizando uma visão mais global e coletiva do trabalho, além de contribuir para o compartilhamento de tarefas e reforçar a necessidade de cooperação para alcançar objetivos comuns (DUARTE; BOECK, 2015; PEREIRA; RIVERA; ARTMANN, 2013). Isso pode facilitar a atuação do enfermeiro, auxiliando na tomada de decisão, bem como na valorização do trabalho em equipe, como relatado a seguir:

“Estratégia de usar os agentes comunitários de saúde. Eles são peça-chave para isso também né? Contato direto com eles, descobrem primeiro. Para a gente ele tem vínculo com a população, então ele chega me contando aí a gente “põe” as providências.” (Margarida)

Portanto, diante de tudo que foi exposto, fica evidente a necessidade em ofertar às crianças com TEA e seus familiares um atendimento de saúde qualificado, individualizado e humanizado, valorizando as particularidades de cada sujeito. Contudo, existem inúmeros desafios a serem superados, especialmente em relação ao preparo dos enfermeiros, que necessitam de maior apoio e incentivo para adquirirem o conhecimento e qualificar a assistência.

Embora pareça existir certa preocupação com as crianças com TEA e seus familiares/cuidadores nos serviços de APS, é necessário maior comprometimento dos profissionais de enfermagem, além de maior envolvimento e desenvolvimento de ações estratégicas capazes de oferecer uma assistência mais acolhedora, mais qualificada e com maior segurança à essa população.

8 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Considera-se que a amostra deste estudo é pequena devido ao número de serviços no município em que a coleta dos dados foi realizada e isso pode ter limitado os achados. Além disso, a não confirmação das transcrições pelas participantes pode limitar os resultados encontrados. Contudo, o tema abordado é incipiente e os resultados apontam para a urgente necessidade dessa investigação com profissionais da saúde, em especial os da enfermagem.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TEA é uma temática importante, haja visto o aumento no número de diagnósticos e da demanda nos serviços de saúde. Portanto, a avaliação de enfermagem é fundamental para o reconhecimento dos sinais clínicos característicos e para o início precoce das intervenções necessárias.

Contudo, com a realização do presente estudo, nota-se que é necessário maior envolvimento dos enfermeiros com o TEA e seus familiares, principalmente no que tange ao conhecimento, que permitirá uma assistência mais segura, integral e qualificada, visto que sua necessidade para a tomada de decisões, resulta em maior qualidade de vida para as crianças com autismo e seus familiares.

A partir dos questionamentos realizados às participantes desta pesquisa, ficou evidente que há falta de capacitação dos enfermeiros, bem como um distanciamento desses profissionais para com a assistência de crianças com autismo, fatos estes que estão intrinsecamente relacionados e que são passíveis de resolução.

Além disso, é urgente a integração das temáticas a respeito do autismo durante o processo de formação dos enfermeiros, qualificando-os para o mercado de trabalho e impactando no cuidado à criança e sua rede familiar.

Por fim, entende-se que existe a perspectiva de melhorar a assistência às crianças com TEA e seus familiares e que algumas ações têm acontecido, mesmo que de forma tímida, contudo, isso tem se esbarado na barreira da falta de conhecimento. A partir disso, destacamos a necessidade urgente de novos estudos sobre essa temática afim de identificar as facilidades e dificuldades dos enfermeiros nesse contexto e propor estratégias que possam melhorar a qualidade dessa assistência.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM - V. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANDRADE, R. C. et al. Necessidades dos pais de crianças hospitalizadas: evidências para o cuidado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 379-94, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v17i2.30041>

BARBOSA, S. C.; PEREIRA, T. M. L. O enfermeiro nos cuidados ao paciente no Transtorno do Espectro Autista Infantil na Unidade Básica de Saúde – Revisão Integrativa. **Revista Eletrônica Estácio Recife**, v. 7, n. 2, 2022.

BONFIM, T. A. et al. Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. 1-9.

BRASIL. Lei nº. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: 2012.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica, Caderneta de Saúde da Criança, 2015. Disponível em: <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/dezembro/10/ConsultaPublica.%2025.Caderneta.pdf>>. Acesso em: 04 jul 2023.

_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Permanente, 2016. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/trabalho-educacao-e-qualificacao/gestao-da-educacao/qualificacao-profissional/politica-nacional-de-educacao-permanente>. Acesso em 05 jul. 2023.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>

CARNIEL, E.; SALDANHA, L.; FENSTERSEIFER, L. A atuação do enfermeiro frente à criança autista, 2010. **Revista de Pediatria – SP**.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas, 2021. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-melhora-qualidade-de-vida-dos-pacientes-autistas_91927.html>. Acesso em: 05 jul. 2023.

CRUZ, A. S. Delineamento de estudos científicos. **Residência Pediátrica**, v. 1, n. 2, p. 11-14, 2011. DOI: 10.25060/residpediatr-2011. v. 1, n. 2.

DARTORA, D. D.; MENDIETA, M. C.; FRANCHINI, B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014.

DIAS, E. S. M. et al. Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, v. 10, n. 2, p. 379-384, 2018. DOI: 10.9789/2175-5361.2018.v10i2.379-384

DUARTE, M. L. C.; BOECK, J. N. O trabalho em equipe na enfermagem e os limites e possibilidades da estratégia saúde da família. **Trabalho Educação e Saúde**, v. 13, n. 3, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00054>

ELO, S. et al. Qualitative Content Analysis: A Focus on Trustworthiness. DOI: <https://doi.org/10.1177/2158244014522633>

ELO, S; KYNGA ELO S; KYNGAS H. (2008). The qualitative content analysis process. **Journal of Advanced Nursing**, v. 62, n. 1, p.107–115. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x>

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). ATENÇÃO Básica. **Pense SUS, Fiocruz**. Disponível em <<https://pensesus.fiocruz.br/atencao-basica>>. Acesso em 05 jul. 2023.

GOMES, P.T.M. et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015.

HOFZMANN, R. R. et al. Experiência dos Familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, p. 64-69, 2019.

MAIA, F. A. et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos Saúde Coletiva [online]**, v. 24, n. 2, p. 228-234, 2016. DOI: 10.1590/1414-462X201600020282

MAPELLI, L. D. et al. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 4, p. 1-9, 2018. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116

MESQUITA, E. T. S. et al. A assistência de enfermagem prestada à criança autista. **Saúde em Foco: Temas Contemporâneos**, v.1, 2019.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do Espectro Autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.25425>

NOBRE, D. S.; SOUZA, A. M. Vivências de pais e/ou cuidadores de crianças com autismo em um serviço de plantão psicológico. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

NUNES, S. C.; SOUZA, T. Z; GIUNCO, C. T. Autismo: conhecimento da equipe de enfermagem. **CuidArte Enfermagem**, v.3, n.2, p.134-141, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Autism, 2023. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>>. Acesso em 19 jun. 2023.

PEREIRA, R. C. A.; RIVERA, F. J. U.; ARTMANN, E. The multidisciplinary work in the family health strategy: a study on ways of teams. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu**, v. 17, n. 45, p. 327-340, 2013.

PIMENTA, C. G. S.; AMORIM, A. C. S. Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares. **Ensaio e Ciência**, v. 25, n. 3, 2021.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>

PORTES, J. R. M; VIEIRA, M. L. Coparentalidade no contexto familiar de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Bolsa de produtividade. **Psicologia em Estudo [online]**, v. 25, 2020. DOI: 10.4025/psicoestud.v25i0.44897

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAVRAS. Secretaria Municipal de Saúde. Estratégias Saúde da Família (ESF), Lavras, 2020. Disponível em: <<https://www.lavras.mg.gov.br/departamento/secretaria-de-saude/MTUxNg==>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

RUTTER, M. L. Progress in Understanding Autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 41, n. 4, p. 395-404, 2011.

SÁ, S. M. P.; RABINOVICH, E. P. Compreendendo a família da criança com deficiência física. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 16, n. 1, p. 68-84, 2006.

SAMPAIO, J. et al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, v. 18, suppl 2, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0264>

SANTOS, G. et al. Processo de trabalho de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família. **Saúde e Pesquisa**, v. 14, n. 2, p. 231-245, 2021.

SANTOS, R. K.; VIEIRA, A. M. E. C. S. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional, p. 219-232, 2017.

SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A. A família das crianças com autismo: contribuições empíricas e clínicas. In: SCHMIDT, C (org) Autismo, educação e transdisciplinaridade. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

SENA, R. C. F. et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Online)**, v. 7, n. 3, p. 2702-2716, 2015. DOI: 10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2707-2716

SILVA, S. E. D. et al. A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista. **Journal of Health and Biological Sciences**, v. 6, n. 3, 2018. DOI: 10.12662/2317-3076jhbs.v6i3.1782.p334-341.2018

SOUSA, J. R.; SANTOS, S. C. M. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

SOUZA, V. R. et al. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, eAPE02631, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2021ao02631>

WHITMAN, T. L. O desenvolvimento do autismo. São Paulo: M. Brooks do Brasil Ltda, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIOCULTURAL

Pesquisa: "A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A VISÃO DE ENFERMEIROS"

Entrevista número: _____ Data da Coleta: __/__/_____
Entrevistador: _____
Local da entrevista: _____

Dados do Entrevistado:

1. Nome: _____
2. Data de nascimento: __/__/_____
3. Estado civil: _____
4. Escolaridade _____
5. Religião: _____ Praticante: () Sim () Não
6. Tempo de trabalho na instituição: _____
7. Trabalhou em outras instituições de saúde? () Sim () Não.
Quanto tempo? _____

APÊNDICE II - QUESTÕES NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS

1. Você sabe o que significa Transtorno do Espectro Autista (TEA)?
2. Quando alguém fala de crianças com autismo, o que você pensa?
3. Quais as suas maiores dúvidas em relação a essa temática?
4. Como são realizados os atendimentos a essas crianças na sua unidade?
5. Você já atendeu alguma criança com TEA? Se sim, como foi sua experiência? Se não atendeu, quais são suas expectativas com relação à essa experiência?
6. Você já teve alguma dificuldade com a rede familiar de crianças com TEA? Como foi essa experiência?
7. Vocês oferecem algum cuidado especial para os familiares de crianças com TEA?
8. O que você acha que poderia ser feito para garantir a essas crianças e seus familiares um atendimento de enfermagem com mais qualidade e segurança na atenção básica à saúde?

APÊNDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A VISÃO DE ENFERMEIROS

Pesquisador(es) responsável(is): [REDACTED]

Instituição/Departamento: Curso de Enfermagem

Endereço postal: Rua Padre José Poggel, 506, Centenário – Lavras/MG CEP 37200-000

Endereço eletrônico: [REDACTED]

Telefone pessoal para contato: [REDACTED]

Telefone institucional para contato: (35) 38264188

Local da coleta de dados: Unidades Básicas de Saúde

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você decida participar.
- Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.
- Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito, não acarretando qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

Objetivo do estudo: Identificar e analisar as perspectivas dos Enfermeiros da APS na assistência às crianças com TEA e seus pais/cuidadores com relação ao conhecimento sobre o TEA e a atuação desses profissionais frente ao transtorno.

Justificativa do estudo: Importância das pesquisas voltadas à Enfermagem e a rede familiar que convive com o TEA, e que resultem em intervenções para auxiliar na promoção da qualidade de vida das famílias, auxiliadas pelos profissionais enfermeiros.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

Riscos: O preenchimento deste questionário poderá representar risco de constrangimento, que será minimizado por interrupção temporária ou permanente do método de avaliação (questionário). A equipe estará à disposição para tirar quaisquer dúvidas.

Sigilo: As informações fornecidas por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum

momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador do documento de identidade _____ fui informado (a) dos objetivos do estudo “A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A VISÃO DE ENFERMEIROS”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Lavras, _____ de _____ de 20_____.

Assinatura do Orientador: _____

(Ludmila de Oliveira Ruela _____)

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

(Beatriz Cortez de Carvalho _____)

Sujeito da Pesquisa/Representante Legal: _____

(Nome e CPF)

Contato do CEP: Rua Padre José Poggel, 506 – Centenário – Lavras/MG – 37.200-000

Telefax: (35) 3826-4188

Link da Cartilha dos Direitos dos Participantes da Pesquisa:
<http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_DireitoParticipantes_antes_de_Pesquisa_2020.pdf>.

ANEXOS

ANEXO I – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, [REDACTED], ocupo o cargo de [REDACTED]
RG. [REDACTED], CPF. [REDACTED], AUTORIZO LUDMILA DE OLIVEIRA RUELA,
RG [REDACTED], CPF [REDACTED] e a aluna BEATRIZ CORTEZ DE CARVALHO, RG [REDACTED], CPF
[REDACTED], a realizarem o projeto **PERSPECTIVAS E ENVOLVIMENTO DE ENFERMEIROS NA
ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUAS
FAMÍLIAS**, que tem por objetivo primário identificar e analisar as perspectivas de Enfermeiros da Atenção
Primária na assistência às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus pais/cuidadores.

Os pesquisadores acima qualificados se comprometem a:

- 1- Iniciarem a coleta de dados somente após o Projeto de Pesquisa ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.
- 2- Obedecerem às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurarem a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garantem que não utilizarão as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS N° 466/2012, e obedecendo as disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.
- 4- A pesquisa será realizada somente após assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pelo voluntário ou responsável.

ANEXO II- APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
LAVRAS - FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DE LAVRAS /
UNILAVRAS -MG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERSPECTIVAS E ENVOLVIMENTO DE ENFERMEIROS NA ASSISTÊNCIA ÀS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUAS FAMÍLIAS

Pesquisador: [REDACTED]

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 59438722.3.0000.5116

Instituição Proponente: Fundação Educacional de Lavras-MG/Centro Universitário de Lavras -

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.512.961

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa que visa analisar o conhecimento teórico-clínico, a experiência de atendimento, o contexto de atendimento e a relação paciente-família, na perspectiva de enfermeiros que atendem pessoas com Transtorno do Espectro Autístico, no contexto da Atenção Primária em Saúde. Para isso, o estudo utiliza dois questionários a serem aplicados em profissionais de enfermagem que atendem nesse contexto. A amostra do estudo será composta por 15 a 17 profissionais de enfermagem, embora todos os profissionais de enfermagem que atuam nesse contexto, serão convidados a participar.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar e analisar as perspectivas dos Enfermeiros da APS na assistência às crianças com TEA e seus pais/cuidadores com relação ao conhecimento e a atuação desses profissionais na atenção básica à saúde frente ao transtorno.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos ou possíveis desconfortos: Sabemos que muitos profissionais da saúde, em especial, os enfermeiros, podem ter dúvidas em relação ao TEA e não se sentirem totalmente preparados

Endereço: Campos do Centro Universitário de Lavras UNILAVRAS - Rua Padre José Poggel nº 506 Prédio A/1ºAndar
Bairro: Centenário **CEP:** 37.203-593
UF: MG **Município:** LAVRAS
Telefone: (35)3826-4188 **Fax:** (35)3826-4188 **E-mail:** cep@unilavras.edu.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
LAVRAS - FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DE LAVRAS /
UNILAVRAS -MG**



Continuação do Parecer: 5.512.961

frente à assistência de enfermagem a uma criança com TEA ou seus pais/cuidadores. Devido a isso, falar sobre essa questão e adentrar nessa temática pode ser difícil para esses profissionais e pode trazer certo desconforto, e este pode ser um risco por participar da pesquisa. Caso isso ocorra, poderemos interromper a entrevista e continuar posteriormente, se esse for o desejo do participante. Nesse momento, estaremos prontos para ouvir e apoiar os enfermeiros, sendo esta, uma estratégia de manejo da situação.

Benefícios: Os resultados dessa pesquisa não trarão benefícios diretos para os voluntários, mas sua participação será de suma importância para que se possa avaliar as perspectivas de enfermeiros da atenção primária no cuidado às criança com TEA e seus pais/cuidadores e por meio dos resultados, espera-se contribuir cientificamente para dar visibilidade a esse assunto, ainda pouco explorado, e subsídios para estratégias que promovam intervenções de saúde efetivas e uma assistência de qualidade, integral e segura. Ademais, ao final da entrevista, nos colocaremos à disposição para o esclarecimento de possíveis dúvidas e qualquer outro questionamento que possa surgir, e iremos convidá-los a participarem das intervenções e atividades educativas que realizaremos a partir dos resultados da pesquisa. (p. 17 e 18)

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora acatou todas as recomendações propostas no parecer anterior e enviou ofício-resposta ao comitê de ética, indicando as alterações realizadas no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Sem considerações.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n.º466, de 2012, e na Norma Operacional n.º001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa.

Endereço: Campos do Centro Universitário de Lavras UNILAVRAS - Rua Padre José Poggel n° 506 Prédio A/1º Andar
Bairro: Centenário **CEP:** 37.203-593
UF: MG **Município:** LAVRAS
Telefone: (35)3826-4188 **Fax:** (35)3826-4188 **E-mail:** cep@unilavras.edu.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
LAVRAS - FUNDAÇÃO
EDUCACIONAL DE LAVRAS /
UNILAVRAS -MG**



Continuação do Parecer: 5.512.961

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1959154.pdf	29/06/2022 15:14:00		Aceito
Outros	QUESTOES_NORTEADORAS_2_VER_SAO.pdf	29/06/2022 15:13:18		Aceito
Outros	Oficio_resposta_pendencias.pdf	29/06/2022 15:12:32		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_BROCHURA_2_VERSAO.pdf	29/06/2022 13:51:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2_VERSAO.pdf	29/06/2022 13:46:06		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DE_EXECUCAO.pdf	07/06/2022 14:53:27		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	07/06/2022 14:53:06		Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	06/06/2022 22:29:06		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_AUTORIZACAO_INSTITUCAO.pdf	06/06/2022 16:32:09		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	06/06/2022 16:28:35		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LAVRAS, 06 de Julho de 2022

Assinado por:
Luciana Aparecida Gonçalves Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Campos do Centro Universitário de Lavras UNILAVRAS - Rua Padre José Poggel nº 506 Prédio A/1ºAndar
Bairro: Centenário CEP: 37.203-593
UF: MG Município: LAVRAS
Telefone: (35)3826-4188 Fax: (35)3826-4188 E-mail: cep@unilavras.edu.br